



DOSSIÊ ESPECIAL

CADERNOS DE ESTUDOS SOCIAIS E POLÍTICOS (CESP)

v.8, n.14, 2019

50 anos

*de produção e transmissão de
conhecimento: a tradição do IESP
UERJ por seus estudantes*

Marcelo Borel

Marcia Candido

Helio Cannone

Hellen Oliveira

Matheus Vitorino

ORGANIZADORES

EXPEDIENTE

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Instituto de Estudos Sociais e Políticos - IESP

CADERNOS DE ESTUDOS SOCIAIS E POLÍTICOS

www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/CESP

COMITÊ EDITORIAL

Helio Cannone, IESP-UERJ

Hellen Oliveira, IESP-UERJ

Kayo Moura, IESP-UERJ

Marcelo Borel, IESP-UERJ

Marina Rute Pacheco, IESP-UERJ

Mariane Silva Reghim, IESP-UERJ

Matheus Vitorino, IESP-UERJ

Paulo Joaquim Da Silva Rodrigues, IESP-UERJ

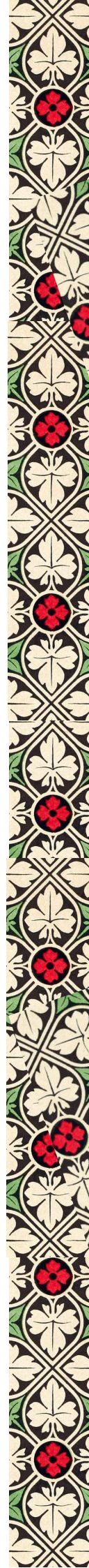
Raul Nunes de Oliveira, IESP-UERJ

CAPA, LAYOUT E DIAGRAMAÇÃO

Marcelo Borel

Marcia Rangel Candido

Hellen Oliveira



SUMÁRIO

Apresentação Marcelo Borel, Marcia Candido, Helio Cannone, Hellen Oliveira & Matheus Vitorino	4
Quinze Anos do Observatório Político Sul-Americano: a Integração Regional do Brasil a partir da Universidade Marília Bernades Closs & Talita Tanscheit	11
Núcleo de Estudos de Teoria Social e América Latina (NETSAL): Histórico, Abordagens, Produções e Contestações Raul Nunes & Simone Gomes	22
Quando a Universidade Tem Lugar no Debate Público: a Trajetória do Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (GEMAA) Marcia Rangel Candido & Poema Eurístenes Portela	29
As Contribuições de Maria Regina Soares de Lima para a Ciência Política Brasileira Marianna Albuquerque	43
Por Mais Sociedade no Estado: os Estudos de Renato Boschi sobre Movimentos Sociais na Redemocratização Helio Cannone	51
Colocando o IUPERJ no Mapa dos Estudos de Mulheres, Gênero e Feminismo no Brasil: as Redes Intelectuais de Neuma Aguiar Gabriela de Brito Caruso	59
A Sociologia de Carlos Hasenbalg e Nelson do Valle Silva Wesley Luiz de Azevedo Dias & Wescrey Portes Pereira	68

A Via Jurídica para o Americanismo nos Trópicos: a Biografia de Werneck Vianna e a Construção do IUPERJ de uma Hipótese de Democratização à Brasileira Daniel Henrique da Mota Ferreira	76
César Guimarães: um Professor Matheus de Sá Moravia & Rafael Rezende	84
Sol na Cabeça e Correria Sob os Pés: Vida e Produção de Luiz Antonio Machado da Silva Clara Polycarpo & Hellen Oliveira	91
Polifonia na Independência: a Contribuição de Isabel Lustosa para o Pensamento Político Brasileiro Lidiane Vieira	101
Um Panorama dos 50 Anos de Pós-Graduação do IESP Através de Suas Ementas Paulo Henrique Paschoeto Cassimiro	109
Passado e Presente: a Análise da Política Externa Brasileira, Antes de Tudo Leonildes Nazar	119

A SOCIOLOGIA DE CARLOS HASENBALG E NELSON DO VALLE SILVA

The sociology of Carlos Hasenbalg and Nelson do Valle Silva

Wesley Luiz de Azevedo Dias¹

Wescrey Portes Pereira²

¹Doutorando em Sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP-UERJ). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. E-mail: wesleyaadias@gmail.com

²Doutorando em Sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP-UERJ). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: wescrey.portespereira@gmail.com

RESUMO

A pós-graduação em sociologia do antigo IUPERJ desfrutou de uma posição central no debate do campo das relações raciais. Por meio de análises estatísticas, dois professores do Instituto se destacaram como grandes referências, comprovando a discrepância entre a mobilidade social de brancos e não-brancos. Neste sentido, o objetivo de nosso texto será contar, em linhas gerais, como as carreiras de Nelson do Valle Silva e Carlos Hasenbalg determinaram o debate de todo um ramo sociológico, inserindo a Casa a qual estavam ligados no centro de um debate nacional.

PALAVRAS-CHAVE: Valle Silva; Hasenbalg; IUPERJ; IESP; Relações Raciais.

ABSTRACT

The post-graduation program in Sociology of the ancient IUPERJ had a central position in the debate of the racial relations field. By statistics analysis, two professors of the institute stood out as great references, proving the discrepancy between white and non-white social mobility. In this sense, the purpose of our text will be to outline, in general, how the careers of Nelson do Valle Silva and Carlos Hasenbalg determined the debate of a whole sociological branch, inserting the House to which they were linked in the center of a national debate.

KEYWORDS: Valle Silva; Hasenbalg; IUPERJ; IESP; Racial Relations.

Em nossos primeiros momentos no programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP/UERJ), empenhados em desenvolver pesquisas sobre as relações raciais brasileiras, ouvíamos com certa constância histórias da parceria de sucesso entre dois pesquisadores. Nos corredores, escadas, gabinetes, confraternizações, rodas de conversa, palestras e, sobretudo, nas salas de aula, ouvíamos o mesmo burburinho sobre a longa e profícua relação acadêmica e de amizade entre Carlos Hasenbalg e Nelson do Valle Silva.

A produção intelectual da dupla inaugurou um novo contexto nos estudos de relações raciais no Brasil, apresentando um novo enquadramento teórico-metodológico para as pesquisas que ressurgiam em um país com constantes ebulições políticas e sociais. Os estudos de relações raciais ocuparam um lugar de destaque nas Ciências Sociais brasileiras, estando entre as principais preocupações intelectuais durante seu surgimento. Desde então, diversas formas de enquadramento³ e análise tiveram lugar de destaque na política e sociologia brasileiras.

No Rio de Janeiro, na convivência de anos no charmoso Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), as pesquisas desenvolvidas por Carlos e Nelson, tornaram-se exemplares informando uma nova forma de interpretar as relações raciais brasileiras. A maturidade desta parceria está retratada na seleção da coletânea *Cor e estratificação social*, onde apresentaram diversos estudos acerca das desigualdades propriamente raciais. A obra concatena um conjunto de artigos individuais e compartilhados. Estes trabalhos tiveram como objetivo principal a construção de um panorama sobre a situação do negro no Brasil contemporâneo.

³Para Campos, Lima e Gomes (2018) os estudos sobre relações raciais podem ser divididos em quatro momentos. O *enquadramento do racismo científico*, o *enquadramento da hibridação racial*, o *enquadramento do preconceito enquanto sobrevivência* e por fim, o *enquadramento das desigualdades raciais*. Cada enquadramento, diferentes formas de pensar as relações raciais no Brasil e também tensões política quando ao contexto.

Além de brilhantes pesquisadores, enquanto orientadores, contribuíram para a formação de diversos sociólogos e sociólogas voltados para o tema da raça. Márcia Lima, que assina artigos nesta coletânea, é sem dúvida uma das principais sociólogas brasileiras, cuja interlocução com os autores supracitados foi de extrema relevância⁴.

Com o tempo, passamos a entender o papel desta parceria para o avanço dos estudos de relações raciais no Brasil, afinal, o burburinho não era uma característica apenas dos corredores do IESP. Este se estendia desde os seminários de raça, organizados no pequeno auditório de um curso de ciências sociais, até as principais pesquisas apresentadas no GT de Relações Raciais da ANPOCS.

Carlos e Nelson foram responsáveis por uma imensa inflexão na forma de enquadrar o tema da raça, impactando diretamente os estudos na área. A premissa básica dos autores buscava atestar a existência do racismo no Brasil por meio de análises da mobilidade social (Campos, Lima, & Gomes, 2018). Os autores criticam visões como a de Florestan Fernandes⁵, a qual afirmava uma incompatibilidade entre as formas de discriminação racial e as formas modernas de industrialização e trabalho livre assalariado (Fernandes, 2007).

A fase que iniciaram tem como principal traço o uso de métodos quantitativos para medição das desigualdades raciais, através de dados censitários da PNAD. Em sua tese, Carlos Hasenbalg tentou medir a mobilidade intergeracional dos brancos em comparação com os não-brancos (1978), enquanto Nelson do Valle Silva analisaria o processo de realização socioeconômica (1978). Os resultados, até o presente momento, são considerados extremamente elucidativos para condição socioeconômica dos negros. Além disso, percebeu-se que, em posições iniciais idênticas, brancos e não-brancos atingiriam resultados bastante diversos.

⁴Alguns dos textos trabalhados por Marcia Lima foram *Trajetória educacional e realização sócio-econômica* (1995), *Aspectos regionais do mercado de trabalho no Brasil* (1994) e *O quadro atual das desigualdades* (1999).

⁵Sentido que pode ser conferido em obras como *O Negro no Mundo dos Brancos* (2007).

Revisões aos trabalhos dos dois indicaram que a categoria raça possui uma espécie de sobrepeso e desproporção dentro dos cálculos das pesquisas, como apontado por Carlos Antônio Ribeiro. Brancos são mais numerosos entre os mais ricos e não brancos tem uma maior representação dentro das classes mais pobres. Analisando seis momentos de transição educacional e usando-se de um modelo log-linear, o sociólogo perceberia que, nos três primeiros momentos, as distinções raciais não contam muito, apesar do marcador “raça” ficar cada vez mais importante conforme se chega ao topo. Em outras palavras, a discriminação racial incide mais sobre os indivíduos não brancos quando estes fazem parte do ápice da pirâmide social (Costa, 2006).

A relevância do preconceito dentro das relações raciais se daria devido à associação íntima entre competição por posições na estrutura social e a discriminação por cor de pele e raça (Silva, 1999). No entanto, o processo de mobilidade apresentaria diversas variáveis ligadas à sua realização, como o background familiar, situação do nascimento, dentre outros. De alguma forma, família, escolarização e trabalho acompanham raça, relacionando-se com classe durante a trilha de ascensão.

Percebemos uma mudança interessante com as pesquisas que enquadraram as relações raciais por meio da desigualdade social, como manifesto em *Cor e estratificação Social*, pois encontramos uma abordagem que tem como um dos principais focos a compreensão das dinâmicas do racismo. Os principais nomes desse período indicaram uma série de resultados que demonstram a existência de hierarquias de cor e de discriminação. Dessa forma, são avanços quantitativos e qualitativos no que tange a pesquisa sobre as dinâmicas próprias das relações raciais no Brasil.

A importância do papel desempenhado por Carlos Hasenbalg e Nelson do Valle Silva pode ser explicada através de uma revisão do histórico social e legal brasileiro. Após a abolição da escravidão, o negro foi visto como um elemento impeditivo ao processo de formação de uma nação forte e desenvolvida. A essa corrente somou-se um crescente elogio intelectual ao

embranquecimento da população e até mesmo o incentivo de políticas públicas de atração de imigrantes. Tais ideias prevaleceram até que o ápice da apologia à mestiçagem brasileira passasse a abafar a análise do modelo de racismo sutil e velado presente no país. Nesse sentido, apenas após os trabalhos dos dois autores, o tema começa a criar novos contornos. Neste sentido, a mudança vem em uma contramão.

Com o início do projeto UNESCO⁶, uma série de estudos começaram a detectar dinâmicas próprias das relações raciais no Brasil. Visões alternativas ao projeto também detectavam essas particularidades e alguns até mobilizaram categorias para explicá-las. Esses primeiros passos foram de imensa importância para a posterior confirmação das tendências discriminatórias, além de darem abertura para uma agenda de pesquisa preocupada em compreender e desvendar as maneiras como o racismo, discriminação e desigualdade racial operam na sociedade brasileira.

Podemos notar uma crescente preocupação com as abordagens estatísticas. Alguns de seus trabalhos lidaram com revisões sobre o “estado da arte” e caminharam no sentido de uma preocupação com a diferenciação regional, assim como uma abordagem dos dados sobre a situação dos não-brancos. Percebemos que Hasenbalg e Silva atuaram em sintonia, tanto problemática, quanto cronológica, em um processo de colaboração pouco visto na área de Ciências Sociais nos últimos anos. Sendo assim, a leitura agregada dos textos, em oposição à análise individual de cada pesquisa, permite vislumbrar a linha do pensamento e aporte desses pesquisadores.

⁶Em 1945, após o fim da Segunda Guerra Mundial, a comunidade internacional olhou horrorizada para os terrores raciais perpetrados pelo nazismo. A grande questão seria até que ponto uma nação com discurso racista de eliminação poderia chegar. Vindo na esteira dessa perplexidade frente aos genocídios, a ONU, através de sua organização voltada para educação, ciência e cultura, desenvolve uma série de departamentos que tinham como objetivo compreender que tipo de perigo esses discursos de superioridade criariam. Diversos departamentos foram criados para tratar do tema e, dentre eles, figurava o de Ciências Sociais, fundado no ano de 1947. O Brasil acabou tendo papel central no projeto, pois era tido como um paraíso em termos de convívio pacífico entre raças diferentes. No entanto, o que o projeto revelou foi uma subsistência de dinâmicas racistas de outra ordem no país, diferentes dos modelos de eliminação ou segregação, mas insidiosa ao seu próprio modo.

Apesar dos avanços metodológicos vivenciados pela área nos últimos 30 anos, diversas determinações que apenas poderiam ser alcançadas por via de pesquisas qualitativas mais focadas ou à análise do campo teórico, deixaram de ser realizadas devido ao caráter dos próprios métodos de quantificação. Em verdade, longe de conferirem respostas cravadas, os trabalhos de Carlos Hasenbalg e Nelson do Valle Silva abriram espaço para discussões de temas mais complexos, dando ensejo para diversos dos avanços relacionados ao tipo de discriminação operada no país. Atualmente, no IESP\UERJ, instituição herdeira da tradição *imperialista*, sociólogos mais jovens como Carlos Antonio Ribeiro e Luiz Augusto Campos tentam fazer avançar a área tanto em seu conteúdo problemático quanto na abrangência dos aprofundamentos deste ramo de pesquisa⁷. Podemos permanecer seguros de que o legado de ambos está mais vivo do que nunca. A chama parece bem longe de apagar e aparenta ainda maior pujança a cada vez que encontramos com o próprio professor Nelson do Valle se dirigindo alegremente a mais uma de suas lendárias aulas de métodos quantitativos (a famigerada Lego). Com isso, uma nova geração de sociólogos está tendo o privilégio de ser formada pelos mesmos que nos ensinaram como se muda o mundo a partir da ciência.

REFERÊNCIAS:

- CAMPOS, Luiz Augusto. LIMA, Márcia. GOMES, Ingrid. (2018), “Os estudos sobre Relações Raciais no Brasil: Uma Análise da Produção Recente”. Em S. Miceli, & C. B. Martins, *Sociologia Brasileira hoje II*. Cotia, SP: Ateliê Editorial .
- RIBEIRO, Carlos Costa. (2006), “Classe, Raça e Mobilidade Social no Brasil”. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*.
- FERNANDES, Florestan. (2007), *O Negro no Mundo dos Brancos* (2 ed.). São Paulo: Global.

⁷ Carlos Antonio Ribeiro e Luiz Augusto Campos são figuras proeminentes no campo de estudos das relações raciais. O primeiro atende por uma vasta produção sobre estratificação e suas interseções com o tema da raça, enquanto o segundo possui estudos que tentam versar sobre o dilema político presente nesta questão. Atualmente, o grupo de pesquisa GEEMA, coordenado pelo professor Campos produz vasto material acerca das questões de representatividade racial na publicidade e meios de comunicação.

HASENBALG, Carlos. Silva, Nelson. Lima, Márcia. (1999), *Cor e Estratificação Social*. Rio de Janeiro: 1999.

SILVA, Nelson. (1999), “Morenidade: modos de usar”. Em C. Hasenbalg, N. d. Silva, & M. Lima. *Cor e Estratificação Social*. Rio de Janeiro: Contra Capa.